

AS EXPECTATIVAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E TRABALHO DE JOVENS E ADULTOS DE UMA ESCOLA TÉCNICA

Eduardo Pinto e Silva (UFSCar, dups@ig.com.br) e Deborah Maria Stefanini (MEC, dmstefanini@yahoo.com.br)

“As categorias nas quais descrevemos o universo social ou nossas práticas e representações não são produtos individuais, mas produtos sociais”
(Bonnwitz, 2005).

1. Introdução

Neste artigo são analisados alguns dados de pesquisa realizada com estudantes de uma escola técnica de um município do interior do Estado de São Paulo (Stefanini, 2008) cujo objetivo foi identificar os condicionantes da opção pela escolarização técnica, as trajetórias escolares e profissionais e os significados atribuídos à escolarização, formação técnica e trabalho.¹

Os processos de socialização e de formação humana foram compreendidos como sociohistóricos e culturais, baseados em práticas e saberes relacionados à posição social e à composição dos capitais culturais, econômicos, sociais e simbólicos.

A construção do *ethos* familiar e das disposições interiorizadas nos processos de socialização são relacionadas aos aspectos objetivos e simbólicos da classe social de pertença. O direcionamento para o ensino técnico e a tendência de prevalência do trabalho em detrimento da longevidade dos estudos, verificada na maior parte dos alunos, pode ser relacionado ao que Bourdieu (1998; 1996) conceitua como *habitus*, estruturas estruturadas e estruturantes, duradouras e transponíveis, inevitavelmente articuladas e influenciadas pelos capitais cultural e econômico e condições materiais e objetivas de classe social.

Não obstante, os processos de socialização, em sua condição eminentemente histórica, envolvem contradições e movimentos que se interpõem entre as expectativas, trajetórias e existência dos alunos, ou ainda, entre o ideal de longevidade escolar e a necessidade de trabalhar.

A continuidade e/ou prolongamento dos estudos, na visão dos alunos, é vista como fundamental para uma desejada ascensão social, mas sua viabilidade geralmente se atrela ao trabalho/renda.

As expectativas de estudo e trabalho apresentam algumas especificidades quando consideramos os casos de alunos que categorizamos como *juvems*, cujo ingresso na escola técnica se deu de forma concomitante e/ou imediatamente após o ensino médio, e os alunos que categorizamos como *adultos*, cujas trajetórias escolares foram interrompidas e que, diferentemente daqueles, já haviam constituído famílias.

No caso dos alunos jovens a escolarização técnica foi referida tanto como “opção” mais palpável do que o ensino superior, em virtude dos capitais culturais e econômicos disponíveis, como também enquanto estratégia para tal objetivo, audacioso em relação ao *ethos* de classe.

No caso dos alunos adultos as esperanças da escolarização como meio de “subir de vida” eram projetadas para os filhos. Apresentavam trajetórias frustradas de ingresso no ensino superior e procuravam cursos técnicos como meio de promoção no trabalho

¹ Dissertação de Mestrado intitulada *As relações entre educação e trabalho nas trajetórias de alunos de uma escola técnica: uma análise a partir de Bourdieu* (2008) defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Pinto e Silva.

e/ou mudanças de emprego. Calejados pela vida, duvidavam da equalização escolarização-empregabilidade e já não alimentavam expectativas de ingresso no ensino superior. Reproduziam o discurso da necessidade de estudar para “subir na vida”, mas acreditavam em tal adágio mais para seus filhos do que para si. O curso técnico era geralmente visto como mera estratégia para obter meios de subsidiar o (idealizado) estudo daqueles.

De modo geral, é possível considerarmos a trajetória dos alunos adultos como um prenúncio da causalidade provável das trajetórias dos mais jovens que, destacamos, acreditavam na escolarização como forma de superar o predomínio do *ethos* do trabalho sobre o dos estudos, característico das gerações anteriores de ambos.

2. O percurso teórico-metodológico da pesquisa

A análise dos condicionantes que impulsionam a busca pelo ensino técnico de nível médio com base nas trajetórias dos familiares e alunos se constituiu como um dos elementos centrais de pesquisa (Stefanini, 2008).

Os significados que os sujeitos de pesquisa atribuíam à escolarização técnica devem ser compreendidos como fruto de uma influência mútua entre aspectos subjetivos e objetivos e resultantes de um processo dialético, contraditório e histórico de apropriações e objetivações. Eles são revestidos por sentidos singulares de cada um dos estudantes e relacionam-se às oportunidades educacionais e profissionais e às condições objetivas de formação humana delimitadas pelo contexto histórico e atuais tendências do ensino técnico de nível médio.

A reforma do ensino técnico da década de 1990, ao separar o ensino técnico do ensino médio, visou, dentre outros objetivos, vincular a educação profissional às necessidades do sistema produtivo. Cunha (2005, p.246) destaca a orientação preconizada pelo Banco Mundial no sentido da diferenciação entre ensino técnico e formação humana geral e de consolidação de práticas de educação profissional caracterizáveis como rápidos treinamentos.

Em 2004, o Decreto nº. 5.154 possibilitou a reintegração entre os ensinos médio e técnico. Porém, permitiu a continuidade da oferta separada, de maneira que a maior parte das instituições optou por assim mantê-la.

Na escola pesquisada os cursos técnicos eram modulares e oferecidos para alunos que cursavam o ensino médio e alunos que já haviam o concluído. Verificou-se que o contingente de alunos que buscava o ensino técnico após concluir o médio predominava sobre o de alunos que cursavam ambos os ensinos. Esta constatação veio de encontro aos dados do Censo da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (INEP, 2006) que sinalizou redução de matrículas de alunos mais jovens e crescimento das de alunos com mais de 25 anos. Evidencia-se, portanto, um retorno de alunos com maior faixa etária às instituições de ensino de nível médio geralmente em busca de promoções ou melhorias profissionais.

As entrevistas contemplaram estudantes de faixas etárias distintas dos cursos de eletrônica, eletrotécnica, mecânica, mecatrônica, informática, administração e enfermagem. Um grupo (trajetórias contínuas) de alunos com idades entre 17 e 18 anos, que cursavam o ensino técnico e o ensino médio de forma concomitante ou que ingressaram no curso técnico imediatamente após concluir o médio; o outro (trajetórias descontínuas) de alunos de idades superiores aos 19 anos e com pelo menos um ano de intervalo entre a conclusão do ensino médio e o ingresso no técnico.

Foram realizadas catorze entrevistas com estudantes dos cursos noturnos dos setores de serviços, industrial e de saúde escolhidos com base na análise de questionário previamente aplicado a uma amostra de 158 alunos. Foram selecionados para entrevistas os alunos condizentes ao perfil médio verificado pelos dados obtidos via questionários. As entrevistas visaram o aprofundamento dos dados gerais e a análise qualitativa das trajetórias.

As análises tiveram por base os estudos de Bourdieu (2007; 1998; 1996), que consideram as trajetórias escolares e profissionais intrinsecamente ligadas ao capital cultural herdado na família e à posição social.

As entrevistas seguiram um roteiro de questões abertas visando aprofundar dados sobre profissão e escolaridade de familiares ascendentes, trajetórias escolares e profissionais dos alunos e expectativas escolares e profissionais. Objetivou-se também identificar estratégias de manutenção ou ascensão da posição na estrutura social, disposições interiorizadas no grupo social (*habitus*) e relação das famílias com o sistema escolar e com o trabalho.

A perspectiva teórica adotada implica no questionamento acerca da noção de escolha. Como pondera Zago (2006, p. 232), para muitos não existe uma real possibilidade de escolha, mas uma orientação para aquilo que representa menores possibilidades de exclusão.

3. Educação, trabalho e a ‘causalidade do provável’: distinções e convergências nas trajetórias e *habitus* de alunos jovens e adultos

A origem social é caracterizada pela posição ocupada nas relações de produção, identificadas principalmente pelas categorias profissão e renda, conjugada com disposições interiorizadas, constitutivas de cada segmento social ou fração de classe, isto é, pelo *habitus*. Segundo Bourdieu (1996), a conjugação entre posição social e disposições incorporadas possibilita estabelecer relações entre as dimensões subjetivas e objetivas dos processos de socialização.

O nível de escolaridade dos pais em geral não ultrapassava a escolaridade obrigatória. As ocupações mais recorrentes eram as de metalúrgico, auxiliar de produção, técnico em qualidade, motorista, vendedor, pedreiro, autônomo, eletricitista, comerciante, ajudante geral, vigilante. Já dentre as mães eram as de empregada doméstica, faxineira, vendedora, ajudante geral, comerciante, costureira, manicure, merendeira, lavadeira. A renda mensal de 62,7% era de no máximo cinco salários mínimos e as famílias apresentavam média de três a cinco integrantes.

A maior parte dos estudantes que formaram a amostra exercia atividade remunerada: os alunos dos cursos industriais em sua maioria trabalhavam em indústrias como operadores industriais, inspetores de qualidade, eletricitistas e montadores; os dos cursos da área de serviços trabalhavam em geral como vendedores, balconistas e auxiliares administrativos; já os da área de saúde não exerciam atividade remunerada devido às exigências de estágios em hospitais.

O número de alunos que trabalhava era significativamente superior ao de estagiários e, dentre os que estagiavam, predominavam os alunos mais jovens.

A análise qualitativa foi pautada na noção de trajetória. A trajetória congrega a análise dos processos psicossociais que estão em jogo, os quais são imprescindíveis para a apreensão do sentido das posições. Segundo Bourdieu (1996, p. 82), não é possível compreender a trajetória sem construir “*o conjunto de relações objetivas que vincularam o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes*”

do campo – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontam no mesmo espaço de possíveis”.

A noção de trajetória se distancia da história individual e da narrativa de acontecimentos lineares e sucessivos, na qual a vida é assimilada como um “*percurso orientado*” e apreendida como expressão de uma intenção ou projeto lógico (BOURDIEU, 1996, p. 74). A posição social de origem e a trajetória não são estatisticamente independentes. A trajetória não se dá ao acaso. Sua direção é passível de ser explicada com base na posição social e disposições interiorizadas. Há sempre em jogo uma *causalidade do provável* (BOURDIEU, 1998).

Os alunos entrevistados foram classificados como pertencentes a uma fração de camada média com *escassa herança cultural e econômica* e orientada para a ascensão social. As disposições interiorizadas os orientavam para a diferenciação das condições sociais e econômicas do grupo familiar de origem.

As camadas médias não constituem “*um universo social homogêneo*” e apresentam “*segmentos diversos em seu interior, seja em função de condições sócio-econômicas, seja devido ao capital cultural de que dispõem*”; não obstante, geralmente estabelecem uma relação com a escolaridade marcada pela pretensão de ascensão social e apresentam uma relação mais laboriosa, ansiosa e até mesmo “*forçada*” com o capital escolar, em oposição à relação “*natural*” presente nas camadas dominantes (ROMANELLI, 2003, p. 102). As expectativas dos alunos das camadas médias são muitas vezes formadas com base num desejo de se diferenciarem das condições de vida dos pais, fomentado pelo próprio discurso familiar. A família, via discursos e práticas, exerce grande influência nas expectativas:

Nunca tive base no que eles [trabalham]... Minha mãe falava ‘estuda, senão vai ser lavadeira que nem eu’. Até hoje ela fala ‘se você não estudar vai ficar que nem eu, tá vendo sua mãe e onde eu tô hoje, você tá tendo oportunidade’ (aluna de enfermagem, 26 anos, filha de motorista e lavadeira).

O *habitus* identificado nos alunos pesquisados, compreendido por Bourdieu (2007, p.97) como “*princípio unificador e gerador das práticas*”, ou ainda, “*forma incorporada de condição de classe e dos condicionantes que ela impõe*”, orientava-os no sentido de uma diferenciação da condição socioprofissional, econômica e cultural dos pais, mas também reproduzia os valores e crenças do *ethos* familiar e de classe. A longevidade escolar ou superação dos limites de uma escolarização limitada à educação básica apresentava-se como caminho para uma desejada, mas improvável, obtenção de inserção social diferenciada. A maior parte das famílias não possuía patrimônio econômico significativo e se caracterizavam por estratégias de sobrevivência baseadas em escassas práticas de consumo e redução do número de filhos.

Os alunos eram predominantemente provenientes de escolas públicas e para ingresso no ensino técnico haviam passado por processo seletivo. Alguns haviam se preparado anteriormente para o exame vestibular em universidades públicas, cujas exigências são maiores. De certa forma, já esperavam a aprovação: “*minha mãe falava ‘se você passar’, mas eu sabia que ia passar*” (aluna de enfermagem, 18 anos, filha de torneiro mecânico e mãe do lar).

Foi possível identificar nos discursos dos alunos que os pais depositavam significativa esperança na educação escolar. Contudo, os incentivos familiares para prolongar a escolaridade além do ensino básico eram permeados por ambigüidades e

incertezas: “*se você passar*”. Tal incerteza expressava o senso dos limites por parte dos pais, combinado com a pretensão de superação das barreiras escolares por parte dos filhos, interiorizada por estes nos processos de socialização.

Entre os alunos de menor faixa etária, havia uma primazia dos estudos em detrimento do trabalho até a etapa de educação básica e, de forma geral, o prolongamento do tempo de escolaridade era assimilado como meio de superar barreiras de classe. Não obstante, a necessidade do trabalho, no sentido moral e de subsistência, foi identificada como elemento do *habitus* dos estudantes.

A continuidade dos estudos após o ensino técnico, para os alunos de menor faixa etária, era vislumbrada mediante provável conciliação com o trabalho. Para os de maior faixa etária, por sua vez, o trabalho era condição necessária e o ensino superior pouco vislumbrado. Em relação ao trabalho, coexistiam a necessidade de renda e a questão da honra: “*nem por questão de precisar, por questão de honra*” (aluno de administração, 19 anos, estagiário e filho de pais desempregados).

A idéia do trabalho como “*uma questão de honra*” denota uma questão de *habitus*, ou seja, de disposições interiorizadas que orientam ações que tomam a inserção profissional como prioridade.

A orientação para o trabalho compõe o *ethos* de classe e o *habitus* destes estudantes. Observou-se uma contradição vivida pelos alunos entre o ideal da longevidade escolar e o necessário – o trabalho – contradição que tende a ser reeditada na trajetória que é vislumbrada pelos alunos adultos em relação aos seus filhos numa espécie de “*propensão ao provável pela qual se realiza a causalidade do futuro objetivo em todos os casos de correspondência entre as disposições e as chances*” (BOURDIEU, 1998, p. 98).

O trabalho, de modo geral, se apresentava como necessidade real e simbólica, orientada pelas disposições interiorizadas e pela objetividade da condição de classe. A realização de um curso técnico, desejado ou visto como “passaporte” para o mercado de trabalho, se apresentava como compatível com o capital cultural herdado e com as disposições interiorizadas para o trabalho, ou ainda, representava uma alternativa possível diante da dificuldade objetiva de se prolongar os estudos por outros meios.

3.1 O significado do ensino técnico na visão dos estudantes

Apesar de haver especificidades e algumas diferenças entre alunos jovens e adultos, eram comuns as disposições interiorizadas que os impulsionavam a buscar uma melhor condição socioeconômica e profissional. Para tanto, o prolongamento da escolaridade tendia a ser percebido como fundamental para que pudessem se livrar de trabalhos precários, associados ao trabalho manual, os quais foram constatados no meio familiar e que se faziam presentes nas trajetórias profissionais dos alunos adultos.

Neste sentido, a “opção” pelo curso técnico consistia em uma estratégia - aqui entendida como disposição para com o futuro realizada por meio de investimentos não somente econômicos e não necessariamente resultantes de um planejamento racional ou calculado – afinada à disposição interiorizada da fração de classe. Era uma espécie de prática que antecipava o futuro objetivo, considerando as condições objetivas das famílias que os impulsionavam ao trabalho.

O prolongamento da escolaridade no âmbito do ensino superior configurava-se como uma barreira social e o ensino técnico se apresentava como um investimento profissional e educativo mais “palpável” para os estudantes. Ele foi referido como “*uma opção mais lógica*” por um dos depoentes.

A realidade objetiva determinava a reorientação das expectativas, práticas e estratégias de muitos estudantes entrevistados:

Saí do ensino médio prestei vestibular, depois fiz cursinho e prestei de novo, mas eu não passei. (...) Aí parei e prestei vestibulinho aqui. De certa forma vi que a realidade é bem mais difícil do que eu imaginava (...) vi que não era um sonho tão próximo (...) (aluna de informática, 21 anos, estagiária, filha de fundidor e mãe ajudante geral).

Assim que me formei no terceiro colegial prestei vestibular, não passei, fiz cursinho... prestei mais três vezes. (...) aí vai procurar emprego, não consegue, sempre pedindo experiência. E sempre fazendo bico, padaria, supermercado (aluna de enfermagem, 26 anos, filha de motorista e mãe do lar).

O ensino superior esteve mais presente nas pretensões dos alunos de menor faixa etária. Para os alunos de maior faixa etária a escolarização se vinculava a uma estratégia de curto prazo. A busca do ensino técnico distanciava-se do objetivo da formação humana, limitando-se à busca de melhoria profissional. Já os alunos jovens idealizavam o ensino técnico como um meio de prolongar os estudos e possibilitar o acesso e/ou permanência no ensino superior.

Enquanto os alunos mais jovens afirmavam buscar o ensino técnico como uma “segunda opção” ou como “garantia” caso não conseguissem ingressar no ensino superior, os alunos de maior faixa etária afirmavam ter “optado” por ele visando melhorias na situação profissional ou promoções. Para estes o ensino superior passava a ser projetado somente em instituições e/ou cursos menos seletivos ou deixara de ser cogitado. A projeção de melhores perspectivas de formação era transferida para os filhos: “*Eu quero que ele [o filho] estude, que seja alguém na vida, senão...*” (aluno de mecânica, 33 anos, inspetor de qualidade).

Em síntese, os alunos mais jovens se orientavam para o ensino técnico buscando inserção profissional e uma garantia caso não adquirissem um futuro *status* profissional pela via do ensino superior. Já os alunos de maior faixa etária demonstravam o abandono de expectativas de trajetórias no ensino superior e passavam a buscar, com o ensino técnico, meras melhorias no mercado de trabalho e/ou promoções de cargo.

Entretanto, observou-se que os alunos não tiveram, durante a realização do curso, maior diretividade nas trajetórias profissionais. Cabe destacar que, quando proporcionaram possibilidades de estágio, muitas vezes foi verificada a exploração da força de trabalho a baixo custo e em longas jornadas de trabalho, “legitimando” a precarização social e do trabalho e reforçando as dificuldades e desesperanças de ingresso no ensino superior.

Concluiu-se que o ensino técnico possuía um significado eminentemente instrumental. Verificou-se a assimilação do discurso da empregabilidade e do contínuo “coleccionar” de certificados para o enfrentamento da concorrência no mercado de trabalho.

4. Considerações finais

As trajetórias analisadas ilustram contradições e limites relativos às aspirações desejadas e oportunidades reais no tocante à educação e ao trabalho. Ambas relacionam-se à posição social, *habitus*, *ethos* familiar e de classe e composição dos capitais (econômico, cultural, simbólico, social), assim como às condições objetivas e

simbólicas que se revelaram relativamente específicas e distintas entre os jovens e adultos pesquisados.

É possível inferir que a crise dos empregos e a precarização social e do trabalho faz acirrar a concorrência por capital cultural e que esta ocorre por meio de diferentes estratégias, que variam de acordo com a posição ocupada no espaço social e o perfil e etapa da configuração familiar.

As contradições vivenciadas pelos alunos se expressavam em termos de se “*ter um ensino*” ou de “*ter um sustento*”. O curso técnico era geralmente apresentado como mais compatível à condição socioeconômica e cultural: “*é uma opção mais lógica para mim*”, afirmou uma das entrevistadas.

Concluiu-se que as práticas tendem a ser orientadas por *aspirações efetivas*, adquiridas em condições sociais específicas e que, segundo Bourdieu (1998), são as que direcionam de fato as trajetórias concretas. As aspirações efetivas se distanciam das *aspirações sonhadas* que originam “*desejos sem efeito, sem ser real, sem objeto*” (BOURDIEU, 1998, p. 89). A orientação para o curso técnico consiste em uma disposição prática objetiva e subjetiva, real e simbólica. Ela pode ser compreendida como estratégia que se assenta em uma “*causalidade do provável*”, ou, dito de outra forma, em uma “*espécie de dialética entre o habitus, cujas antecipações práticas repousam sobre toda a experiência anterior, e as significações prováveis, isto é, o dado que ele toma como uma apercepção seletiva de uma apreciação oblíqua dos índices do futuro*” (BOURDIEU, 1998, p. 111).

Referências

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. 2. ed. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. Futuro de classe e causalidade do provável. Tradução de Albert Stuckenbruck. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, p.81-126, 1998.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino profissional na irradiação do industrialismo**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: FLCSO, 2005.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Educação profissional técnica de nível médio no censo escolar**. Brasília: INEP, 2006.

ROMANELLI, Geraldo. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos: o estudante-trabalhador. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G., ZAGO, N. (org.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p.99-123, 2003.

STEFANINI, Deborah Maria. **As relações entre educação e trabalho nas trajetórias de alunos de uma escola técnica:** uma análise a partir de Bourdieu. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2008.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação.** v. 11, n. 32, p. 226-237, maio/ago. 2006.